

INTERVENÇÃO E IMPACTO SOCIAL

O pioneirismo protestante na génese de organizações universalistas em Portugal

As acções missionárias evangélicas entre portugueses eram desenvolvidas em maior número nos centros urbanos, devido a uma maior liberdade religiosa e ao aumento demográfico que ali ocorria derivado de uma industrialização tardia no nosso país. Assim, face ao atraso civilizacional e à capacidade económica e benemérita dos britânicos, não será de estranhar que, no final do século XIX, os organismos evangélicos nos tragam inovações culturais que causarão um impacto social cujos efeitos são testemunháveis, ainda hoje, no nosso quotidiano.

João Paulo Henriques

Licenciado em Informação Turística pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Entre 1845 e 1926, instalam-se em Portugal os principais grupos protestantes. Este período foi fulcral para a implantação do Protestantismo no nosso país. Um dos factores decisivos para a expansão desta corrente cristã entre nós, foi a forte presença britânica que se sente desde a ocorrência das Guerras Peninsulares, no início do séc. XIX.

Na conjuntura internacional, sabemos, de igual modo, que o séc. XIX é uma época de expansão missionária protestante como fenómeno paralelo ao desenvolvimento industrial e à expansão ultramarina do Império Britânico. Assim, parte dos cidadãos britânicos residentes nas comunidades estabelecidas de Lisboa, Porto e Funchal, à parte de exercerem a sua actividade militar e comercial, tinham, juntamente com o apoio de juntas e sociedades missionárias, o propósito de evangelizar portugueses. É no seio destas comunidades que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) surge, em 1864, como apoio fundamental às primeiras denominações protestantes portuguesas como a presbiteriana, a metodista, a dos irmãos, a lusitana, a congregacional e a baptista¹. A distribuição da Bíblia através dos colportores portugueses da SBBE permitiram ao pioneirismo protestante português a sua expansão gradual e o desenvolvimento de actividades como reuniões domésticas, cultos regulares e escolas dominicais, escolas diárias

¹V. Manuel P. Cardoso, *Por Vilas e Cidades – Notas para a História do Protestantismo em Portugal*, p. 26.

para alfabetização de crianças e adultos e a criação de iniciativas e de associações de solidariedade social.

As acções missionárias evangélicas entre portugueses eram desenvolvidas em maior número nos centros urbanos, devido a uma maior liberdade religiosa e ao aumento demográfico que ali ocorria derivado de uma industrialização tardia no nosso país². Assim, face ao atraso civilizacional e à capacidade económica e benemérita dos britânicos, não será de estranhar que, no final do séc. XIX, os organismos evangélicos nos tragam inovações culturais que causarão um impacto social cujos efeitos são testemunháveis ainda hoje no nosso quotidiano. Face ao reduzido número de cristãos reformados em solo nacional, também se pode constatar que a interdependência entre as diversas denominações e organismos era predominante. Assim, era normal que o missionário protestante tivesse um desempenho multifacetado que consistia em funções na igreja, no ensino aos cidadãos portugueses analfabetos e em trabalhos de acção social de organismos como a União Cristã da Mocidade, a Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha e a Sociedade Protectora dos Animais.

A Associação Cristã da Mocidade (ACM)

Em português, a sigla ACM – Associação Cristã da Mocidade, poderá dizer pouco actualmente, mas, em inglês, pela sua sonoridade, poderá ser mais elucidativa: *YMCA – Young Men's Christian Association*³. Esta organização criada, em 1844, por George Williams, é ainda hoje a maior associação juvenil do mundo. A *YMCA* foi criada em Londres por evangélicos que procuraram responder às difíceis condições sociais provocadas pela revolução industrial. Além de George Williams, outro pioneiro evangélico da *YMCA*, foi o suíço Henri Dunant que, em 1855, tem uma forte influência na criação da denominada Base de Paris⁴. Este documento saiu da primeira Conferência Mundial das diversas *YMCA's* existentes até então (397 associações em sete países).

Basicamente, a *YMCA* era uma organização centralizadora das diversas uniões de jovens evangélicos existentes nas igrejas. Quando foi criada, os seus estatutos eram independentes de qualquer denominação evangélica, de modo a permitir o trabalho conjunto dos seus membros. A génese do movimento assenta na seguinte base bíblica: «E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo, e todo o vosso **espírito, e alma, e corpo**, sejam considerados irrepreensíveis (...)»⁵.

Com base neste trinómio (espírito, alma e corpo), que seria futuramente representado como símbolo da organização – o Triângulo Vermelho (adoptado após a Primeira Guerra Mundial)–, as *YMCA* desenvolvem actividades que privilegiam o carácter cristão como modelo de vida, o livre exame como base de estudo para a mente e a natureza sã do corpo através do exercício físico. Dado o seu modelo de gestão interconfessional, a *YMCA* evoluiu para uma associação de carácter universalista.

²Entre 1864 e 1900, as cidades portuguesas aumentam em 77% o seu número de habitantes. V. Miriam Halpern Pereira, «Demografia e Desenvolvimento em Portugal na 2.ª Metade do séc. XIX», separata da revista *Análise Social* nn. 25 e 26, Lisboa, 1970. Cit. Maria Z. F. A. F. da Costa, *Retrato de uma Minoria Religiosa em Portugal, Os Registos da Igreja Metodista do Mirante – Porto 1878-1978*, p. 24.

³A sigla *YMCA* é hoje facilmente lembrada não pelos seus contributos históricos, mas pelo facto de ser o título de uma música dos *Village People* (1977).

⁴V. sítio electrónico da *YMCA* (www.ymca.net/about/cont/history.htm), acedido em 22-09-2004.

⁵*Bíblia Sagrada, Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses*, cap. 5 – vers. 23, segundo tradução João Ferreira de Almeida.

Sinteticamente, segundo o resumo de David Freire⁶ (1982), apontamos aqui as suas maiores realizações históricas, para melhor compreendermos o efeito social da congénere portuguesa:

- *Realizações internacionais*

- Primeira organização internacional não-governamental (1855); criação para a sociedade civil do conceito de *congresso* (conforme os conceitos actuais de *convenção*, *encontro* ou *conferência*); traduções multilingues em congressos (1875).

- Um dos primeiros circuitos turísticos internacionais foi organizado em colaboração com a Agência de Thomas Cook (Wagons Lits-Cook) para um grupo de membros da YMCA (1878).

- *Acção humanitária*

- Fundação da Cruz Vermelha por Henri Dunant (1864). Foi enquanto líder da *Union Chrétienne de Jeunes Gens* de Genebra, que, em 1859, Dunant contacta com a tragédia humanitária da Batalha de Solferino;

- Trabalho com militares e prisioneiros durante as duas guerras mundiais;

- Campanhas internacionais de angariação de fundos para fazer face a catástrofes humanitárias (1889).

- *Inovações educativas*

- Orientação vocacional (1908);

- Técnicas de ilustração visual – utilização de diapositivos (1898);

- Campos de férias educativos (1866);

- Participação feminina em programas integrais (1858);

- Edifícios construídos para educação integral (1859).

- *Desporto, recreio e educação física*

- Criação do basquetebol (1891), voleibol (1895), futebol americano (1895), futebol de salão (1930), natação (1909), entre outros;

- Exame médico obrigatório para a prática do desporto;

- Técnicas de salvamento e prevenção em acidentes na água; surgimento do «nadador-salvador» (1909)⁷.

A história da ACM em Portugal e o seu conseqüente impacto social revela-se igualmente frutífera. Todavia, são poucas as referências bibliográficas à organização. A maior parte da informação aqui revelada provém principalmente de trabalho de pesquisa efectuado na biblioteca da ACM do Porto, mais especificamente nos seus álbuns fotográficos, boletins informativos e opúsculos, e de estudos biográficos e gerais sobre o Protestantismo português.

Em Portugal, foi fundada inicialmente, no Porto, em 14 de Novembro de 1894, sob a liderança do então jovem metodista Alfredo Henrique da Silva (1872-1950)⁸ com o

⁶David Freire, *Manual do Colaborador Acemista*, p. 58; n. antigo director dos serviços pedagógicos da ACM.

⁷*Idem*, pp. 34-39.

⁸Entre outros cargos que ocupou, Alfredo Henrique da Silva foi fundador da União Cristã da Mocidade Portuguesa, presidente da Sociedade Protectora dos Animais, vereador da Câmara Municipal do

nome de União Cristã da Mocidade (UCM). Desde a sua fundação até à implantação do Estado Novo, esta associação desenvolverá um ministério social relevante.

A primeira sede da UCM estava instalada na Igreja Metodista do Mirante⁹. Em 1905, por doação do luso-britânico Henrique Maxwell Wright (1849-1931)¹⁰, é inaugurado na então Rua Carlos I (actual Rua de José Falcão) o edifício da União Cristã Central da Mocidade Portuguesa. Segundo informação obtida na ACM do Porto, foi-nos referido por um antigo membro acemista que o edifício foi construído após oferta da família inglesa Delaforce, que serviu como prenda de casamento para Henrique Wright e a sua esposa Helena Delaforce Wright¹¹.

A construção do edifício correspondia à tradição da YMCA em conceber um espaço integrado com salas de aula, biblioteca, ginásio, salão de culto, entre outras divisões. Também por informação oral, foi-nos dito que o espaço era completamente inovador à época da inauguração, tendo sido o ginásio, o primeiro da cidade do Porto¹².

Na ACM do Porto encontram-se um conjunto de fotografias que parecem comprovar que foi através da UCM que foram introduzidos diversos desportos em Portugal¹³. O exemplo mais flagrante é uma fotografia de um jogo de ténis de mesa (vulgarmente conhecido como *ping-pong*), que está curiosamente legendado como «*pim-pam*». Surgem-nos outras fotos de desportos como o basquetebol e o voleibol. Encontramos também muitas fotos de excursões e passeios, cartazes ilustrados que serviam para anunciar as conferências temáticas aqui apresentadas, grupos de escoteiros, aulas técnicas de comércio, trabalho social para soldados e arduas, entre outras. Através da dissertação de Narciso Oliveira (1996), verificamos, de igual modo, que a UCM do Porto (ainda na Igreja do Mirante) providenciou banhos gratuitos e instrução primária para crianças e adultos. Como refere este autor, esta UCM desenvolvia assim uma missão quádrupla repartida pelas áreas física, intelectual, social e espiritual¹⁴. De 1894 a 1906, fundaram-se no país 24 Uniões Cristãs da Mocidade¹⁵. Contudo, serão as UCM do Porto, Lisboa e Coimbra (criada em 1918) as mais dinâmicas.

O nascimento da UCM de Lisboa surge, por sua vez, em 1898, na Rua das Gai-votas¹⁶. É na UCM de Lisboa que é criado, em 1912, o Grupo de Escoteiros de Portu-

Porto, secretário da Sociedade Anti-Esclavagista Portuguesa, professor e director do Instituto Comercial do Porto e professor catedrático no Instituto Superior de Comércio e superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa. Foi um apoiante incondicional da causa republicana, tendo sido condecorado, em 1922, com o grau oficial da Ordem de Cristo por sugestão do Governo Civil do Porto. V. Narciso P. F. de Oliveira, *op. cit.*, pp. 27-33 e 107-129.

⁹ A Igreja Metodista do Mirante, berço da primeira ACM em Portugal, a ACM do Porto, Opúsculo da ACM do Porto (1996), p. 3.

¹⁰ Henrique Maxwell Wright, figura pioneira do Protestantismo português. Missionário anglicano e hinólogo de espírito interconfessional, ministrou em locais tão díspares como a Madeira, Açores, Bermudas, Porto e Lisboa, no apoio ao movimento pioneiro protestante. Foi também um dos fundadores da UCM do Porto.

¹¹ Informação cedida, no dia 13/08/2004, pelo reverendo Jorge Barros na visita à ACM do Porto.

¹² *Idem*.

¹³ V. Álbum fotográfico ACM Porto – Portugal, *Desenvolvimento da Antiga União Cristã Central da Mocidade Portuguesa – A sede, os homens e os feitos – 1894-1922*.

¹⁴ V. Narciso Oliveira, *Alfredo Henrique da Silva, Evangelizador de Acção e Cidadão do Mundo*, p. 33.

¹⁵ V. Eduardo Moreira, *A Reforma em Portugal (a)*, p. 7.

¹⁶ A informação sobre a ACM de Lisboa foi elaborada a partir das referências de Eduardo Moreira em *Vidas Convergentes* (1958), em artigos do *Triângulo Vermelho* (periódico da organização publicado a partir de 1920) e no *Manual do Colaborador Acemista* da autoria de David Freire. De Eduardo Moreira, convém também salientar que foi director da ACM em Lisboa, durante a década de 20, e director do *Triângulo Vermelho*; Eduardo Moreira, suplemento do jornal *O Século*, «*Os protestantes em Portugal*», edição n.º 651, 21/04/1910.

gal N.º 1¹⁷. O escotismo ganhará, em 1913, a sua própria associação – a Associação de Escoteiros de Portugal (AEP)¹⁸. A ligação embrionária do Protestantismo português ao escotismo é igualmente testemunhada pelo facto de, ainda hoje, encontrarmos os primeiros grupos da AEP nas mais antigas igrejas evangélicas portuguesas. Contudo, apesar do grupo manter um princípio espiritual, a AEP é actualmente uma associação universalista interconfessional.

Outro dinamizador da obra da UCM, em Lisboa, é o missionário suíço Rudolph Horner, que aqui serviu como o primeiro secretário-geral, de 1905 a 1914¹⁹. Além de colaborar na implementação do escotismo, são criados sob a sua orientação cursos de alemão, francês, inglês e esperanto. Segundo Cardoso, os sócios da organização pagavam 100 reis por mês (um tostão), enquanto que os não-filiados pagavam 1000 reis por trimestre. No entanto, se o estudante estivesse em serviço militar, tinha um desconto de 50% por trimestre²⁰. A Rudolph Horner é igualmente atribuído a tentativa de difundir o esperanto na sociedade portuguesa – uma língua universalista e espiritual que visava a aproximação dos povos –, e de popularizar as primeiras conferências e visitas de estudo da «Lisboa Velha»²¹. O cargo de secretário-geral foi posteriormente ocupado pelo então pastor congregacional Eduardo Moreira (1886-1980)²², cujo activismo colaborou na consolidação das iniciativas da UCM.

A Aliança Mundial da YMCA parecia à época envolvida no desenvolvimento da congénere portuguesa. Isto é comprovado pela presença, em 1909, de altos representantes desta instituição, Christian Phildius²³ e John Mott²⁴ (1865–1955), num encontro nacional das Uniões Cristãs da Mocidade. Este é considerado o primeiro encontro protestante nacional; foi realizado na Sociedade Portuguesa de Geografia e teve a assistência de cerca de 1500 pessoas²⁵.

Uma das acções que marcou a época áurea da UCM foi o trabalho de apoio que realizou junto dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial.

As actividades neste campo eram lideradas por Alfredo Henrique da Silva, através do Comité do Triângulo Vermelho Português (CTVP). O TVP surge à imagem do trabalho desenvolvido pelas uniões cristãs internacionais no apoio aos jovens soldados que combateram no conflito. Quando o Corpo Expedicionário Português foi mobilizado, em 1916, Alfredo Henrique da Silva conseguiu, através de persistentes diligências junto do governo republicano, a autorização do Ministro da Guerra Tamagnini, para desenvolver o projecto junto dos soldados portugueses estacionados em França. É-lhe concedido um passaporte diplomático e, em França, consegue que o Triângulo Vermelho francês, inglês e americano preste apoio aos portugueses. Em Paris, colocou igualmente a funcionar um centro de informações e de apoio aos soldados portugue-

Surge aqui a indicação da Rua das Gaivotas como local da primeira sede da UCM de Lisboa. Hoje, a ACM está situada na Rua de S. Bento.

¹⁷ V. David Freire, *op. cit.*, p. 53

¹⁸ V. Luís Aguiar Santos, *História Religiosa de Portugal – Religião e Secularização*, p. 455.

¹⁹ V. Eduardo Moreira, *Vidas Convergentes (b)*, p. 349.

²⁰ V. Manuel P. Cardoso, *op. cit.*, p. 121.

²¹ V. Eduardo Moreira, *op. cit. (b)*, p. 351; David Freire, *op. cit.*, p. 56.

²² Além da sua ordenação pastoral e colaboração na UCM, Eduardo Moreira ocupou diversos cargos públicos na Câmara Municipal de Lisboa, particularmente na qualidade de vereador e vice-presidente do senado. Foi também o primeiro secretário-geral da Aliança Evangélica Portuguesa e membro da Maçonaria.

²³ Christian Phildius era então o Presidente da Comissão Mundial da YMCA.

²⁴ Prémio Nobel da Paz em 1946 pelo trabalho na YMCA.

²⁵ V. Eduardo Moreira, *Crisóstomo Português (c)*, p. 390.

ses em viagem. De regresso a Portugal, é recebido pelo Presidente da República, Bernardino Machado, curiosamente no dia em que deflagra o golpe de Estado sidonista – 6 de Dezembro de 1917. É novamente recebido por Sidónio Pais, onde lhe é reconfirmada a autorização oficial para a instalação do TVP em França e Portugal, bem como o apoio em géneros e encomendas a esta obra de assistência²⁶.

No pós-guerra, a obra continuou com a instalação dos pavilhões do TVP em quartéis militares de Lisboa (1) e Porto (2). Nestes pavilhões era possível obter gratuitamente café, maços de tabaco, folhas de papel e envelopes. Além disso, havia também serviços de voluntariado para escrever cartas, biblioteca, gramofone e a realização de jogos de futebol²⁷.

Em 1920, no IV Congresso das UCM, as organizações passam a adoptar o símbolo do Triângulo Vermelho, à semelhança do que sucedia com as outras uniões a nível internacional. É também nesta data que as UCM se convertem nas Associações Cristãs da Mocidade (ACM)²⁸.

Com a chegada do Estado Novo, as ACM de base ficam sob a tutela do Ministério da Educação Nacional e da Mocidade Portuguesa, perdendo assim a sua militância cristã evangélica²⁹. O mesmo tipo de abordagem sucederá com os escoteiros da AEP, que, no entanto, conseguirão escapar à integração na Mocidade Portuguesa³⁰. Nos últimos anos do Estado Novo, a ACM conseguiu reorganizar-se novamente. A organização passou a ter de cumprir os objectivos de acção social e de auto-sustentação financeira.

Actualmente, a ACM conta com filiais em Angra do Heroísmo, Carcavelos, Coimbra, Covilhã, Funchal, Lisboa e Setúbal. É uma pessoa colectiva de utilidade pública desde 1978. A ACM do Porto é a única que mantém o vínculo evangélico da Base de Paris de 1855. Pelo que acaba de ser exposto, é evidente que a ACM deu uma série de contributos directos e indirectos para a sociedade portuguesa, particularmente nas áreas do desporto e do lazer. Todavia, não é possível, dada a abrangência do tema, aludir a todos esses contributos. Não obstante, parece-nos importante apresentar em síntese as principais realizações históricas da ACM em Portugal, dado o impacto que elas ainda têm no nosso quotidiano:

- *Contributos directos:*

- **Desporto:** Introdução do basquetebol (1913)³¹, voleibol³², ténis de mesa (1913)³³, badminton, futebol de salão, organização dos primeiros campeonatos de destas modalidades desportivas³⁴.

²⁶ V. Narciso de Oliveira, *op. cit.*, p. 36.

²⁷ V. David Freire, *op. cit.*, p. 60.

²⁸ V. Narciso de Oliveira, *op. cit.*, p. 38.

²⁹ V. David Freire, *op. cit.*, p. 63.

³⁰ V. Luís Aguiar Santos, *op. cit.*, p. 455.

³¹ Através de contacto telefónico com a Federação Portuguesa de Basquetebol no dia 13/10/04, foi-nos dito que não existem informações históricas sobre a introdução deste desporto em Portugal. Alberto Rosário (1996), refere-nos que foi a ACM a introduzir o basquetebol em Portugal, em 1913, e a organizar, em 1922, o primeiro campeonato inter-regional. Alberto Rosário, *O Desporto em Portugal – Reflexo e Projecto de uma Cultura I*, p. 28.

³² V. David Freire, *op. cit.*, p. 54.

³³ A Federação Portuguesa de Ténis de Mesa enviou-nos uma breve resenha histórica deste desporto em Portugal. Aqui refere que a sua introdução se deve à ACM de Lisboa por volta de 1913. Contudo, não existe nenhuma prova documental que comprove esta informação.

³⁴ V. Eduardo Moreira, *op. cit. (b)*, p. 351.

- **Juventude:** Génese das organizações de juventude em Portugal (1894). A UCM é a primeira organização de juventude em Portugal, tal como a YMCA o foi na Europa e na América do Norte. Instituiu o conceito institucional de *mocidade*, que, posteriormente, será adoptado com objectivos políticos pela Mocidade Portuguesa (1936)³⁵. Criação das aulas de trabalhador-estudante³⁶, dos campos de férias e do escotismo³⁷ (1912).

- **Acção social:** Apoio a soldados (Triângulo Vermelho) e ardinias (criação do «dia dos vendedores de jornais»³⁸); recolha de crianças para banhos.

• *Outros Contributos:*

- **Turismo e lazer:** excursionismo, visitas guiadas e conferências de viagens³⁹. Estas conferências tinham temas como *Visita a Paris, Dois dias na Serra da Estrela, Passeio por Angola, Do Cabo ao Cairo*, entre outras⁴⁰.

- **Instrução primária e de adultos:** aulas de alfabetização de jovens e adultos, aulas técnicas de comércio, aulas de educação física e cursos de línguas.

- **Popularização de conferências e debates.**

Cruz Vermelha Portuguesa

Na génese dos estudos sobre o impacto social do Protestantismo em Portugal, tínhamos algumas pistas bibliográfica de que poderia haver alguma ligação entre o pioneirismo protestante português e a fundação da Cruz Vermelha Portuguesa. Este pressuposto era fundado no facto do movimento internacional da Cruz Vermelha ter sido fundado no seio da YMCA, pelo evangélico suíço Henri Dunant, em fontes de autores protestantes que revelam a presença de pastores, missionários e leigos evangélicos nas primeiras direcções da Cruz Vermelha Portuguesa. À semelhança do que sucede com a ACM, a maior dificuldade está no facto de não existir nenhum estudo aprofundado da história da Cruz Vermelha.

A fundação da organização em Portugal está atribuída a José António Marques (1822-1884), médico e cientista português, que, em 1864, esteve presente na Primeira Conferência de Genebra, sendo Portugal um dos doze países fundadores da organização. Em 1868, a organização ganha a sua existência legal, ficando sob a tutela do Ministério da Guerra⁴¹. Contudo, a primeira organização mostrou-se pouco dinâmica e acabou por desaparecer⁴².

Em 1887, um pequeno grupo⁴³ faz a refundação da organização sob o nome de So-

³⁵ Esta é uma primeira análise da evolução do conceito institucional de juventude. Neste momento, só é possível fazer a ligação etimológica; V. *Política de Juventude, Os Anos da Mudança*, Gabinete do Ministro Adjunto e da Juventude, pp. 24 e 25.

³⁶ V. David Freire, *op. cit.*, p. 55.

³⁷ *Triângulo Vermelho*, Ano 1, Lisboa, 25/01/1921, nº3, p. 9; Idem, Abril, 1921, n.º 5, p. 4.

³⁸ V. Eduardo Moreira, *op. cit. (b)*, p. 352.

³⁹ Era comum haver conferências de viagens tanto nas UCM como nas escolas protestantes devido ao facto dos seus responsáveis viajarem para o estrangeiro com regularidade.

⁴⁰ V. Narciso de Oliveira, *op. cit.*, p. 34.

⁴¹ V. Maria Barroso Soares, *Cruz Vermelha*, p. 25.

⁴² *Idem*, p. 26.

⁴³ Segundo o Boletim da SPCV (1888-91), na acta de 24 de Março de 1887, encontramos o testemunho do general Sousa Pinto a referir que tinha sido escolhido por «um pequeníssimo grupo de pessoas» para presidir aos trabalhos preparatórios da constituição da SPCV. Era normal à época a escolha de uma figura social

cidade Portuguesa da Cruz Vermelha (SPCV). A presidência é atribuída ao general António Florêncio de Sousa Pinto⁴⁴. Cardoso, refere que, na altura da fundação da SPCV, o major Guilherme Luís Santos Ferreira (1849-1931)⁴⁵ era um dos pioneiros mais destacados da organização. Eduardo Moreira, por seu lado, ao fazer um elogio biográfico a este ilustre pioneiro protestante, fornece-nos a seguinte informação:

«(...) o Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira, secretário perpétuo da Sociedade da Cruz Vermelha, que honrou em muitos congressos internacionais, bibliotecário do Ministério da Guerra e um dos mais eruditos heraldistas da nossa terra(...)»⁴⁶.

De facto, o major G. L. Santos Ferreira foi secretário da SPCV de 1887 a 1913, ou seja durante 26 anos⁴⁷. Segundo o opúsculo de J.S. Vieira (1938), ele foi o sócio n.º 1 e o fundador da SPCV⁴⁸. Tudo indica que, paralelamente, tenha sido também um impulsor das UCM, pelo facto de, antes da proclamação da república, ter escrito o opúsculo «*Situação Legal das Uniões Cristãs em Portugal*» (1905). Deste modo, dado que Santos Ferreira ocupava o primeiro cargo executivo da SPCV, encontramos aqui um forte elo de ligação entre as duas organizações.

Cardoso refere-nos também que, em 1915, a Comissão Central da SPCV tinha no seu seio três importantes nomes do pioneirismo protestante português. Eram eles José Augusto dos Santos e Silva (pastor congregacional), Roberto Moreton⁴⁹ (secretário-geral da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira) e Rodolfo Horner (secretário-geral da UCM de Lisboa). Esta informação é também factual⁵⁰.

De igual modo, recolhemos outras informações que aparentam confirmar uma relação de esforço comum entre as organizações de génese protestante e a SPCV. Por exemplo, segundo o boletim informativo da UCM - *Triângulo Vermelho* -, no dia 14 de Maio de 1915, data em que se verifica uma revolta popular e militar em Lisboa, que coloca um fim ao governo de Pimenta de Castro⁵¹, os escoteiros, foram debaixo de fogo, buscar feridos para receberem socorros imediatos. Logo a seguir, no mesmo artigo, refere-se que o Grupo n.º 1 da AEP recolheu, nesse mesmo ano, 106 escudos a favor da SPCV⁵².

Também parece ser evidente a colaboração entre o já mencionado TVP e a SPCV, estabelecendo-se novamente o elo através de Rodolfo Horner. Segundo o mesmo bo-

ilustre para presidir os comandos de uma associação benemérita. Deste modo, a associação ganhava prestígio e angariava apoios e associados.

⁴⁴ Idem, pp. 26 e 27.

⁴⁵ O Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira converteu-se na Igreja Presbiteriana (enquanto esta ocupava as instalações do Convento dos Marianos, na Rua de S. Paulo) e, posteriormente, aderiu à Igreja Lusitana.

⁴⁶ V. Eduardo Moreira, *op. cit.* (b), pp. 303 e 304; n. Santos Ferreira foi autor entre outros trabalhos, de *Almanack das Famílias Christãs Protestantes para 1901*, *Armorial Portuguez*, *Bandeiras Portuguezas desde o seculo XV até à actualidade*, *A Bíblia em Portugal*, *Descrição methodica dos Brazões d' Armas das Famílias Nobres em Portuga*, *Salvador Gonsalves Zarco* (em colaboração com António de Serpa) e foi tradutor da obra *Glauca e do Peregrino*. V. J.S. Vieira, *O Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, p. 7, nota de rodapé (2).

⁴⁷ *Boletim da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, 1888-91, pp. 6 e 7; *Colectânea de Matéria Oficial Publicada sobre a Cruz Vermelha Portuguesa*, Vol. I, 1863 a 1918, p. 68.

⁴⁸ V. J. S. Vieira, *O Convento de Nossa Senhora dos Remédios*, p. 7.

⁴⁹ Filho do pioneiro metodista Robert H. Moreton.

⁵⁰ Manuel P. Cardoso, *op. cit.*, p. 121; António Vasconcelos Fernandes, *Colectânea de Matéria Oficial Publicada Sobre a Cruz Vermelha Portuguesa*, p. 85.

⁵¹ Joaquim Pimenta de Castro (1846-1918), chefe do Governo republicano em 1915.

⁵² *Triângulo Vermelho* n.º 2, «Os nossos secretários - Rodolfo Horner», 25/12/1920, p. 7.

letim informativo, este missionário suíço saiu de Portugal, com o deflagrar da Primeira Guerra Mundial, para ser o secretário-geral da YMCA para os prisioneiros de guerra⁵³. Encontrámos também uma fotografia das enfermeiras da SPCV junto ao posto de informação do TVP em França. Era assim natural uma relação fraternal entre ambas as organizações portuguesas, à semelhança do que sucedia internacionalmente.

Pela informação recolhida, pode-se dizer que o contributo do Protestantismo português para a organização da SPCV passou pela sua influência na refundação e consolidação. Deste modo, reflectiu-se concretamente na colaboração directa de pioneiros protestantes na dinamização desta organização em períodos fulcrais, em particular na refundação de 1887 e na intervenção da SPCV na Primeira Guerra Mundial (1916-18). Contudo, a participação de pioneiros protestantes não significa que a SPCV representasse esta corrente religiosa. Aliás, à semelhança do que sucedia com a Cruz Vermelha Internacional, a congénere portuguesa guiava-se por princípios interconfessionais e universalistas, visando principalmente o socorro a feridos e o tratamento de doentes militares em tempo de guerra.

O facto de ter um vínculo umbilical aos órgãos militares do Estado, que se acentou com o Estado Novo, terá quebrado qualquer tipo de ligação ao Protestantismo português.

Sociedade Protectora dos Animais

Outra associação que, em Portugal, revela indícios de ter tido o contributo do pioneirismo protestante português é a Sociedade Protectora dos Animais (SPA).

O movimento de protecção aos animais surge na Inglaterra, em 1824, com a criação da *Society for the Prevention of Cruelty to Animals*. Pretendia-se deste modo combater o sofrimento de animais domésticos como cavalos e burros, que puxavam durante horas ilimitadas as carroças dos seus donos.

Em Portugal, a SPA foi fundada em 1875, pelo conselheiro Jorge Silvestre Ribeiro. A sua sede estava localizada na Rua de S. Paulo, em Lisboa⁵⁴. Não temos quaisquer informações que liguem a sede lisboeta a movimentos protestantes, apenas algumas dicas passíveis de sugerir alguma influência: primeiro, a localização da sede perto de congregações protestantes; depois o contributo da congénere inglesa e dos associados britânicos residentes em Lisboa⁵⁵. Em Lisboa, a SPA assumiria, em 1883, o pioneirismo na luta pela abolição das corridas de touros.

Na cidade do Porto, Alice Hulsenbos fundou a SPA em 1878. Esta jovem evangélica, membro da Igreja Protestante Francesa do Porto, havia chegado à cidade, em 1873, com o seu pai Conrad Hulsenbos, nomeado então Cônsul da Holanda. Ter-se-á chocado com a forma como eram tratados os animais de tiro, de carga e os destinados aos mercados⁵⁶.

Mais tarde, em 1899, o secretariado desta sociedade foi assumido por Alfredo Henrique da Silva. Por sua iniciativa, a SPA ofereceu à Câmara Municipal do Porto dois

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ V. sítio electrónico da Sociedade de Protecção aos Animais (.html), acessido em 01/10/04.

⁵⁵ *Idem*.

⁵⁶ V. Eduardo Moreira, *op. cit. (b)*, p. 322.

bebedouros para dessedentar pessoas e animais⁵⁷. Posteriormente, foi nomeado presidente da SPA do Porto e ali ocupou diversos cargos, tendo sido presidente da assembleia geral durante mais de vinte anos. Por esse feito, foi nomeado, em 1942, presidente honorário desta instituição⁵⁸.

A SPA, com as suas delegações de Lisboa e Porto, continua, apesar das dificuldades financeiras, a desenvolver as suas actividades de protecção animal.

Em síntese, parece-nos importante enunciar dois factores essenciais que permitiram a génese destas organizações:

A influência estrangeira – O apoio presencial e financeiro de missionários, negociantes e diplomatas, maioritariamente britânicos, é decisivo. O surgimento destas organizações em Portugal é um reflexo do que sucedia nos países protestantes. Nestas sociedades, em ambientes urbanos e industrializados, havia uma grande expansão das igrejas protestantes independentes ou anti-hierárquicas, das quais nasciam movimentos de apoio social de âmbito interconfessional⁵⁹.

A influência pioneira do Protestantismo – Com o advento da Primeira República, numa época de maior liberdade religiosa (1910-26), os pioneiros protestantes ganhavam direitos de participação política, de intervenção social e de difusão da sua propaganda religiosa. As suas actividades nestas organizações reflectiam a sua preocupação com o ser humano de uma forma integral (espírito, alma e corpo).

Por fim, ressaltamos a importância que o contributo do estudo do pioneirismo protestante pode trazer para a compreensão da história do desporto, da juventude, do lazer e das acções de solidariedade social em Portugal.

Fica assim dado mais um incentivo e ficam também os exemplos de visão e de altruísmo para a contínua promoção do bem social.

Bibliografia

- ASPEY, Albert (1971), *Por Este Caminho, Origem e Progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX*, Porto: Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa.
- CARDOSO, Manuel P. (1998), *Por Vilas e Cidades, Notas para a História do Protestantismo em Portugal*, Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia.
- CLEMENTE, Manuel e FERREIRA, António Matos (2002), *História Religiosa de Portugal, Volume 3*, Círculo de Leitores.
- COSTA, Maria Zita Freire Amado Ferreira da (1997), *Retrato de uma Minoria Religiosa em Portugal, Os Registos da Igreja Metodista do Mirante, Porto, 1878 -1978, Volume 1, Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.
- DOWLEY, Tim (1995), *História do Cristianismo*, Venda Nova: Bertrand Editora.
- FERNANDES, António Vasconcelos, *Colectânea de Matéria Oficial Publicada sobre a Cruz Vermelha Portuguesa, Volume I, 1863 a 1918*, Cruz Vermelha Portuguesa.

⁵⁷ V. Narciso Oliveira, *op. cit.*, p. 129.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ V. John Briggs, *História do Cristianismo*, pp. 522 e 529.

- FREIRE, David (1982), *Manual do colaborador acemista (voluntário ou profissional)*, Lisboa: Departamento de Formação e Treinamento da Aliança Nacional da ACM de Portugal.
- GUICHARD, «Le Protestantisme au Portugal», *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris, Fundação Gulbenkian) XXVIII: 455-482.
- MOREIRA, Eduardo (1958), *Vidas Convergentes – História Breve dos Movimentos de Reforma Cristã em Portugal a Partir do Século XVIII*, Lisboa: Junta Presbiteriana da Cooperação em Portugal.
- MOREIRA, Eduardo (1957), *Crisóstomo Português, Elementos para a História do Púlpito*, Lisboa: Junta Presbiteriana da Cooperação em Portugal.
- OLIVEIRA, Narciso Paulo Ferreira de (1996), *Alfredo Henrique da Silva, Evangelizador de acção e Cidadão do Mundo*, Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ROSÁRIO, Alberto Trovão (1996), *O Desporto em Portugal, Reflexo e Projecto de Uma Cultura*, Lisboa: Instituto Piaget.
- SOARES, Maria Barroso (2002), *Cruz Vermelha*, Fundação Mário Soares, Lisboa.
- TRIÂNGULO VERMELHO (1920-21), *Revista Mensal Ilustrada, Orgam das Associações Cristãs da Mocidade*, números 1-5, Lisboa.